
Pessanha correspondente: a máscara do melancólico

Pessanha correspondent: the melancholic's mask

Felipe Frasson Fusco
Universidade Estadual de Londrina

Telma Maciel da Silva
Universidade Estadual de Londrina

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.n50a537>

RESUMO

O trabalho visa a leitura de parcela da produção epistolar, em especial a correspondência com Carlos Amaro, do poeta português Camilo Pessanha. Em 1908, seu irmão Manuel é internado por razões psiquiátricas no Porto, e sua sombra passa à correspondência do poeta. O tom de comiseção consigo próprio se acentua, acompanhado de um discurso melancólico. Buscamos analisar tal discurso, valendo-nos tanto de bibliografia a respeito da escrita epistolar, Diaz (2016) e Haroche-Bouzinac (2016), bem como de Starobinski (2016) sobre a melancolia. Concluímos que Pessanha frequentemente constrói sua autoimagem como vítima da melancolia, especialmente atrelando-a à figura fraterna.

PALAVRAS-CHAVE: Camilo Pessanha; Correspondência; Discurso; Melancolia.

ABSTRACT

The paper aims the reading of a part, specially the correspondence with Carlos Amaro, of the Portuguese poet Camilo Pessanha's (1867-1926) epistolary work. In 1908, his brother Manuel was put into a psychiatric institution in Porto, and since then this brother's shadow haunts the po-

et's correspondence. The self-pity tone increases, along with an uprising melancholic discourse. We seek to analyze such discourse, relying both on references on the epistolary writing, Diaz (2016) and Haroche-Bouzinac (2016), as well as Starobinski (2016) on melancholy. We conclude that Pessanha frequently builds his self-image as a victim of melancholy, connecting it specially to the brotherly figure.

KEYWORDS: Camilo Pessanha; Correspondence; Discourse; Melancholy.

O último quartel do século XIX e o primeiro do século XX assistem a um desenvolvimento tecnológico, poder-se-ia dizer, exponencial. As proporções vertiginosas desse processo são sentidas hoje. Porém, à altura, já se faziam notar na vida burguesa as novas possibilidades abertas: navios a vapor, motores de combustão interna, lâmpadas incandescentes, gramofones e telefones, todos começam a ter crescente papel no dia a dia.

Levando em conta o contexto português, é o Fontismo que vai impulsionar a construção de elos ferroviários que conectarão Portugal e Europa em 1860, seguido pela propagação do telégrafo e atingindo a telegrafia sem fios no início do século XX (Marques, 2016, p. 161-162). É sintomático que Jacinto, herói d'*A cidade e as serras*, carregue consigo da Civilização, entre outras tecnologias, a telefonia, e o narrador o aprove: "Aparecera, vindo de Lisboa, um contramestre, com operários, e mais caixotes, para instalar um telefone! (...) Era prudente" (Queirós, 2007, p. 295-296).

Diante de todas essas mudanças, o mundo se dilata; distâncias cada vez maiores separam os indivíduos, propiciadas paradoxalmente pela ilusão de proximidade com os meios cada vez mais eficientes de comunicação. Daí que Eric Hobsbawm (2020, p. 234) possa afirmar que "o século XIX foi a época em que se rompeu a comunicação oral, à medida que crescia a distância entre as autoridades e os súditos, e a migração em massa interpunha dias ou até mesmo semanas de

viagem entre mães e filhos, noivos e noivas”. Então, comunicar-se de que maneira? Ora, enquanto a telefonia não suprir tal demanda, a correspondência ainda deterá seus privilégios. A troca de cartas aumenta consideravelmente ao longo do século XIX (Hobsbawm, 2020, p. 53).

Portugal não fica de fora, especialmente se consideramos tratar-se de um país que, à altura, detinha colônias várias espalhadas ao longo do continente africano e asiático. Comunicar-se à distância, nesse contexto, emerge como atividade vital da manutenção da metrópole, imbricada mesmo na vida pessoal das camadas alfabetizadas. Isso redimensiona a voga da carta idealizada no romance romântico – e no realista que a satiriza quanto ao derramamento emocional, como bem o mostra outra obra queirosiana, *O primo Basílio* – sem deixar tal herança de lado. Para fins de administração pública, para fins de autopromoção na sociedade capitalista e para manifestação da intimidade (ou construção da imagem de si validada pelo estatuto da suposta intimidade): todas essas potências estão ao alcance da carta até o início do século XX.

Sabe-se, atualmente, da existência de dez cartas enviadas por Camilo Pessanha ao amigo Carlos Amaro: a primeira datada de 8 de agosto de 1908 e a última, de 15 de abril de 1917. Segundo Daniel Pires (2012, p. 56), em 1908, Pessanha convive com Carlos Amaro em Lisboa; ao ir para Leça, envia as duas primeiras cartas de que se tem notícia a esse correspondente. No ano seguinte, após embarcar novamente para Macau (o retorno a Portugal dera-se ligado ao diagnóstico psiquiátrico emitido sobre o irmão Manuel), escreve três cartas só entre janeiro e fevereiro. A produção epistolar será retomada em Macau (de onde se marcará o cabeçalho de todas as subsequentes ao amigo) no ano de 1912, com três cartas de menor importância solicitando intervenção político-administrativa de Amaro. Vão entremeadas nessas algumas exaltações políticas ligadas à instauração

da Primeira República. Depois, uma carta em 1916, datada de 10 de julho, mas cuidadosamente anotada em *post-scriptum*:

- Este curioso postal, adquirido com sofreguidão em 10 de julho, foi logo garatujado para seguir o seu destino. Mas esse lampejo de exaltação apagou-se logo, e a pobre lembrança por aí foi ficando esquecida, até hoje, 7 de gbro (Pessanha, 2012, p. 193).

Aí se lê um excerto excelente para, tomando-o por verdadeiro, aplicar à correspondência a tese do descuido de Pessanha para com a escrita¹, seguramente refutada, pelo menos na obra literária e crítica, pelos seus mais recentes comentadores². O fato de que a carta seguinte, e última, a Carlos Amaro será enviada apenas em abril de 1917, quase um ano depois, fecha o quadro favorável à imagem do escritor indolente.

Longe de buscarmos uma resposta a essa questão – se Pessanha era ou não assíduo da escrita íntima – interessa-nos aqui investigar uma imagem de si que o poeta português constrói em sua correspondência, especialmente com Carlos Amaro. Partindo de uma análise qualitativa das cartas a esse correspondente, bem como de uma carta a José Benedito Pessanha e duas a Alberto Osório de Castro (todas mediante a transcrição feita por Daniel Pires, na edição de que nos valem, presente nas referências bibliográficas), realizaremos uma leitura buscando evidenciar os traços historicamente associados à

1 Referimo-nos a alguns preconceitos crítico-biográficos em torno de Pessanha segundo os quais o autor trataria com abulia e desinteresse sua própria produção literária, encontrados, por exemplo, no extenso aparato introdutório de João de Castro Osório à sua edição da *Clepsidra e outros poemas* em 1969. É este crítico quem afirma: “E sempre, desde a sua juventude até à morte, lhe faltou a força de vontade persistente que ordena as obras de alta Poesia e profundo Pensamento e permite sejam mais vastas e perfeitamente editadas” (Osório, 1969, p. 149).

2 A este respeito, consultar os trabalhos de Izabela Leal (2007), Paulo Franchetti (2001) e Gustavo Rubim (1993).

melancolia no discurso de Camilo Pessanha. Compreendemos a melancolia, aqui, segundo a investigação que Jean Starobinski (2016) empreendeu do fenômeno, o qual a dimensionou, entre outros, em aspectos sociais e literários. De fato, seja ou não correto que o autor sofresse de algum mal que tornasse a escrita de cartas em atividade penosa (como veremos ao fim do trabalho) ou em um hábito traído pela fraca memória (como no trecho acima da carta de 1916), importa que constantemente Pessanha elabora uma imagem sua enquanto epistológrafo: mais precisamente, uma imagem de epistológrafo (e) melancólico.

Segundo a cronologia de Daniel Pires (2012), que tomamos por referência para os dados biográficos de Pessanha, o poeta muito provavelmente se encontrava em Braga a dezembro de 1907. Em março do ano seguinte, seu irmão Manuel é internado no Porto, devido à sua suposta “loucura”, comentada por Pessanha com mais de um correspondente.

Em junho de 1908, estando em Lisboa, o poeta convive com Carlos Amaro até, em agosto, ir para Leça da Palmeira, de onde se registra sua primeira carta ao amigo. O exórdio desta será marcado pelo tom da comiseração consigo próprio: “Muito obrigado pela caridade com que recolheu a minha alma ferida. [...] Oxalá que os dois meses que tenho de passar aqui não me restitua ao anterior estado de depressão” (Pessanha, 2012, p. 170).

O agradecimento podemos inferir que alude à situação aflitiva do diagnóstico do irmão, uma vez que este é mencionado imediatamente no parágrafo seguinte. O que nos cabe destacar é a expressão empregada por Pessanha; a dor – ou pelo menos um de seus componentes – de que padece está na alma, na dimensão incorpórea. Essa dor, seja lá onde esteja, parece ter se dissipado ou ser já uma manifestação de diminuição em um “anterior estado de depressão”: a depender se o recolhimento, a acolhida, é referente ao período de

convivência anterior ou à própria carta e à possibilidade de escrevê-la, de ter um confidente para a correspondência. Afinal, a carta, como espaço de derramamento emotivo do Eu, é um tópico de longa data na epistolografia – já o fim do século XVIII europeu assiste à proliferação de cartas “em que se expõe, nua e cruamente, uma intimidade sentimental e espiritual” (Diaz, 2016, p. 40).

O assunto seguinte da carta é um extenso ataque anticlerical, o que coaduna em certo nível com o posicionamento do interlocutor, articulista que era Carlos Amaro no jornal *República*. Neste ponto, o teor do texto toma proporções extremas. Pessanha (2012, p. 170), após chamar os padres de “caterva obscena e sinistra”, afirma: “Acredite que eu atualmente os abomino com todo o ódio de que é capaz a minha alma doente”; ao fim de dois parágrafos a mais, conclui agressivamente que “é dar-lhes a matar”. Embora o espírito do apelo, inaceitável sob qualquer regime democrático contemporâneo, não fosse estranho à época – em que a Europa germinava várias tendências fascistas –, o ódio que Pessanha lhe atribui vem como que condicionado pela “alma doente”. Já é simulada aqui uma relação sutil entre a disposição de espírito e uma doença, a qual ressurgirá depois. De resto, vale observar também que, no último assunto discutido na carta, o ritmo de um verso de Verlaine³, o missivista faz referência ao simbolista francês pelo verso “*D’une douleur on dirait orpheline?*” (Pessanha, 2012, p. 171), corrupção do original “*D’une douleur on veut croire orpheline*” (Verlaine, s.d.), em que a dor é novamente colocada: pelo menos três referências ao longo da carta.

A próxima escrita de Pessanha a Amaro de que se tem notícia é datada de 26 do mesmo mês. Manuel retorna ao discurso rapidamente,

³ Esta alusão ao verso verlainiano é comentada por Paulo Franchetti (2001, p. 41-42), a quem remetemos o leitor interessado.

já no primeiro parágrafo: “Como era de prever, desde que cheguei aqui, constantemente a sós com o espectro do meu desgraçado irmão, voltei ao meu estado anterior de apatia” (Pessanha, 2012, p. 171). Espectro poderoso, como veremos, porquanto figurará em outras cartas ainda. Nota-se, por ora, a apatia, a falta de vontade em agir, que será retomada pouco adiante; Pessanha defenderá a atuação político-jornalística de Carlos Amaro (colaborador do jornal *República*), solicitando inclusive o envio do periódico para Matosinhos, onde acusa não ser vendido e de onde assina a carta. Afirmo a seguir “que não há neste entusiasmo a menor simulação, ou intenção de lisonjear” (Pessanha, 2012, p. 171), repetindo o *topos* da sinceridade na carta pessoal, e culpa sua “invalidez” pela incapacidade de atuar a favor do ideário republicano, como o faz o amigo (Pessanha, 2012, p. 171).

Pouco adiante, antes de retomar o tema político, eis que o poeta emite um dos excertos mais ricos em termos de “balanço da vida” e reflexão na correspondência com Carlos Amaro:

Os últimos seis meses têm sido para o meu espírito uma revelação inesperada (aos quarenta e dois anos!) do mundo exterior. Creio bem que completa, porque à minha razão repugna admitir que alguma coisa exista ainda mais pavorosa. Agora, durante o resto da vida, já nada tenho que aprender: porque no outro abismo hiante, o poço interior, já me tinha debruçado bastante... (Pessanha, 2012, p. 172).

Um contraste se esboça entre descobrir, de alguma forma, a realidade externa, em oposição ao escrutínio da dimensão subjetiva, o poço interior/abismo hiante. Passando quarenta e dois anos a refletir sobre si próprio (o espanto, a excentricidade de tal atitude se esboçam na exclamação), agora desvela a realidade. Claramente um desnível enorme. Matizado por resquícios românticos, o discurso de Pessanha coloca a individualidade e suas nuances como infinitamente mais complexas que a realidade. Mais profundamente, o

melancólico reaparece, ainda que sem usar tal nome. O eu que se debruça no “poço interior”, que reflete sobre sua própria condição, é o melancólico tradicional. Como nos lembra Starobinski (2016), reflexão e melancolia alimentam-se mutuamente. Quer seja em Demócrito, que dissecava animais para descobrir as causas físicas de seu próprio humor fatal, quer seja no Freud de *Luto e melancolia*, o retorno do interesse subjetivo para si próprio é um efeito da melancolia (Starobinski, 2016). É, portanto, peça nesse discurso, como o é no texto de Pessanha que lemos.

Ainda que projetado em figuras exteriores, como o poço, está claro o efeito de introspecção sugerido pela imagem. Não à toa, há um esforço por dizê-lo de formas diferentes, o que inclusive se converte em estratégia linguística. A hesitação em falar de si opera com um lugar-comum da carta, o narcisismo, e com o desdobramento do melancólico; duplo desdobrar-se, pois implica tanto em criar representações de si mesmo como as imagens utilizadas – abismo aberto, poço – sugerem a ampliação (distância, profundidade, mergulho nas trevas).

O jogo com a própria idade ilumina um aspecto singular, por sua vez. É com manifesta ou talvez encenada surpresa que o autor da carta a afirma – “aos quarenta e dois anos!” – surpreendendo a si próprio, mesmo depois de haver devidamente preparado seu escrito para envio... Mas, para além da teatralidade do escrever, a questão da idade apresenta uma contraparte. Com efeito, tal uso produz, sobretudo, a imagem melancólica de si que descrevemos: o homem que passou mais de quarenta anos de sua existência meditando sua própria subjetividade. Romanticamente, somos tentados a acrescentar.

Ora, questionar-se-á, ainda, se há mesmo encenação na carta. Se os trechos até agora não o evidenciam, o momento decisivo da cena vem adiante. Depois de mais um parágrafo fervorosamente republicano, repleto de ataques à atuação política da Igreja em Portugal, Pessanha (2012, p. 172) fala brevemente de seu

respeito (...) pelas coisas humildes e tristes, pelas ruínas, pelos velhos, pelas ervas parietárias e pelas que espontaneamente crescem, e se emaranham, nos cemitérios abandonados. Mas vim finalmente a compreender que esse meu jardim espontâneo abrigava um ninho de víboras.

Um acervo de itens românticos, e mesmo modernos, como é o caso das ruínas, de que T. S. Eliot fará monumento exemplar em *The Waste Land*. No caso do correspondente português, o contexto é o de crítica clerical; a equação aqui é clero = ruína, considerando sua atuação na vida pública um anacronismo tolerado por boa vontade e dó⁴. Porém, as imagens não escapam à época, e Pessanha o sabe: “Não ache ridículas estas linhas declamatórias, decerto cheias dos piores lugares comuns” (2012, p. 172).

Quem assume a voz, a esse ponto, é o escritor. O trecho em questão lembra as quadras de um soneto de Pessanha (1994, p. 107), o primeiro de um díptico sem nome:

E eis quanto resta do idyllio acabado.
Primavera que durou um momento.
Como vão longe as manhãs do convento,
Do alegre conventinho abandonado!

Tudo acabou: anemonas, hydrangeas,
Cilindras. Flores tão nossas amigas...
No claustro agora viçam as ortigas,
Rojam-se cobras pelas velhas lageas.

⁴ Outra carta de Pessanha, pela leitura que dela fizemos, supõe a crítica à Igreja também por julgá-la anacrônica. Trata-se de uma carta a Alberto Osório de Castro, datada de agosto de 1891. A respeito desta, consultar nosso trabalho em Fusco (2021).

Saltam aos olhos as semelhanças: o cenário de ruínas, o espaço religioso marcado pelo abandono, onde crescem ervas daninhas pelas paredes e se entocam as cobras. Os versos foram publicados da forma como os apresentamos em 1899, segundo nota Paulo Franchetti em sua edição da *Clepsydra* (Pessanha, 1994, p. 181-182), ou seja, nove anos antes da carta, Pessanha utilizara os tais lugares comuns, e, agora, justifica-se do uso, reavalia sua própria obra perante o amigo, ainda que de maneira oblíqua. Afinal, trata-se de um colega também responsável pela divulgação de sua obra, como o atesta a carta que Fernando Pessoa enviaria a Pessanha mais tarde, em 1915, na qual afirma ter obtido cópias de poemas deste através de Carlos Amaro⁵. A carta permite, assim, um espaço para reflexão sobre a própria poesia, ainda que entremeada de outras finalidades e discursos – de tudo, enfim, a que o gênero epistolar se dispõe em sua flexibilidade habitual.

Ainda no ano de 1908, Pessanha escreve a outro amigo, Alberto Osório de Castro, em setembro:

7bro, 30, 908

Meu querido Alberto Osório

Há já muitos meses que recebi um postal seu, desse sertão. Depois disso, ou, pelo menos, depois de a última vez eu lhe ter escrito, novos sobressaltos se deram na minha miserável vida, ininterrupta sequência de sofrimentos físicos, de agonias morais, de tragédias, de catástrofes. A última e maior de todas foi a declaração de loucura em meu irmão Manuel, que lá jaz desde março no Conde de Ferreira.

⁵ “Logo da primeira vez que nos vimos, fez-me V. Exa. a honra, e deu-me o prazer, de me recitar alguns poemas seus. Guardo dessa hora espiritualizada uma religiosa recordação. Obtive, depois, pelo Carlos Amaro, cópias de alguns desses poemas” (Pessoa, [1915]).

Horroroso! Tanto mais que era ele a pessoa de mais íntimas afinidades espirituais comigo; e que, assim, o vê-lo endoidecer, como vi, o mesmo era que sentir-me endoidecer eu mesmo.

Tal desgraça, ferindo-nos tão duramente a todos, neste poço de misérias e de dor que foi sempre a casa de meu pai, ainda por cima quase nos incompatibilizou uns com os outros, tornando a vida em comum um contínuo pesadelo... (Pessanha, 2012, p. 128).

A última carta conhecida de Pessanha a Alberto Osório anterior a essa é datada de novembro de 1907, dez meses antes, embora sempre seja possível que exista outra ainda mais recente, perdida. De todo modo, o que domina a cena, o grande exemplo da “sequência [...] de agonias morais” é a internação do irmão, diagnosticado com uma forma de loucura. Não à toa, os desdobramentos de tal ocorrência emergem nos dois parágrafos seguintes. O estado clínico e a suposta alienação mental de Manuel resultam no sentimento de alienação do próprio Pessanha, em uma imagem de profunda empatia.

A ideia de tamanha afinidade espiritual parece ser um *topos* partilhado com Alberto Osório. Em carta de 1895 a esse interlocutor, Pessanha fala da “comunhão dos nossos espíritos, os quais, como de tantas coisas dizem os lentes, não podem distinguir-se, por não haver noções precisas dos limites onde um começa e acaba o outro” (2012, p. 119). A atribuição da voz de autoridade/tradição, os professores, convida-nos a lembrar do grande melancólico francês, Michel de Montaigne, autor dos *Ensaíos*. Mais especificamente, o excerto em questão dialoga com o ensaio “Da amizade”. Montaigne, após elogiar e destacar as semelhanças entre os laços fraternos e os de amizade, diz que nestes “as almas entrosam-se e se confundem em uma única alma, tão unidas uma à outra que não se distinguem, não se lhes percebendo sequer a linha de demarcação” (Montaigne, 2016, p. 220). Tal elo não precisa ser necessariamente esse intertexto, no entanto, já que o mesmo *topos* figura, por exemplo, no poema de

Fernando Pessoa *in memoriam* de Mário de Sá-Carneiro: “Hoje, falho de ti, estou dois a sós. (...) // Como éramos só um, falando! Nós / Éramos como um diálogo numa alma” (Pessoa, 2016, v. 1, p. 464).

Outro item elencado como proveniente da internação de Manuel é a instabilidade nas relações familiares. Ou melhor, o agravo nessa instabilidade. Melancolia e misantropia andam de mãos dadas.

Para onde vai a imagem de Manuel, vai a imagem do homem vitimado de acometimentos psicossomáticos: “Já estive em Lisboa os meses de junho e julho, a fugir ao ataque de profunda neurastenia que me causou o naufrágio a que assisti do espírito do meu irmão, e que terrivelmente agravou os meus outros padecimentos”, diz Pessanha (2012, p. 128) ainda na mesma carta. Adiante, comenta o peso das circunstâncias – não só familiares, mas ligadas também às viagens constantes – e a impossibilidade de reunir forças para suportar a colônia de Macau, à qual se refere em termos nada lisonjeadores. E acrescenta um parágrafo icônico a elaborar sua imagem/condição de melancólico:

Eu bem reconheço isto. Mas falta-me energia para dar outro rumo à vida. No estado de exaltação impotente a que me levou a implacável opressão da fatalidade, em um um (sic) trabalho contínuo de tantos anos, um só desejo, uma única esperança, ficou de pé entre os escombros de todas as bem modestas felicidades que sonhei: fugir, fugir sempre, de um lado para o outro, até que a morte me recolha (Pessanha, 2012, p. 129).

Os tópicos iniciais do excerto trazem as expressões que seus primeiros críticos-biógrafos tanto ecoaram, como é bem conhecido: a falta de energia, a sensação de impotência, a abulia. O final do trecho sugere uma alusão à “*Chanson d’automne*” de Verlaine, confirmando o depoimento de Carlos Amaro segundo o qual Pessanha utilizava os versos finais do poema como despedida (Franchetti, 2001, p. 45). No poema curto, sob o efeito da música e do outono, o eu lírico recorda-

-se dos tempos passados e busca abandonar-se à morte dentro dessas memórias: “*Je me souviens / Des jours anciens / Et je pleure; / Et je m’en vais / Au vent mauvais / Qui m’emporte / Deçà, delà, / Pareil à la / Feuille morte*” (Verlaine, s.d.). A alusão comunica-se com o poema pelo “de um lado para o outro” que antecede à ideia da morte; esta, por sua vez, surge ao final do parágrafo, como ao final do poema. A diferença, no entanto, é que, na carta, o autor se vê numa posição ativa em relação à existência. Propõe-se a “fugir, fugir sempre” – fugir da morte, talvez, mas o contexto permite melhor pensarmos o verbo como intransitivo mesmo⁶. Fugir = deslocar-se, pôr a si próprio sempre em movimento, em um uso que ficará mais claro nas cartas a Carlos Amaro as quais discutiremos ao fim deste trabalho.

Ao primo José Benedito, Camilo Pessanha também escreverá:

7bro, 8, 908 [Leça da Palmeira]

José

Escrevi-te apenas aqui cheguei, explicando-te, se explicação tem possível, o ter-te ido visitar tão raras vezes, e a tuas irmãs, e informar-me pessoalmente do estado de Amélia. É que não tinha coragem para ir imiscuir nas tuas atribulações a minha miséria. A falta é tanto mais de estranhar quanto é certo que eu, pelo menos à noite, saía todos os dias de casa, e falava, falava, com toda a gente, até me esgotar. Às vezes escutava-me, e parecia ouvir o *Tlin das Flores*. Como eu trazia, e continuo trazendo, a alma negra! Em Lisboa era uma forma de melancolia de mau carácter, descrita nos livros de patologia mental sob a rubrica de ‘lipemania ansiosa’...

⁶ O verbo “recolher”, com que Pessanha se refere à ação da morte, é, de fato, muito afável para se referir a algo que o perseguisse, algo de que fugisse. Ser recolhido significa receber abrigo, asilo, proteção; seja com sentido de regresso ou não. Se, no entanto, o tomarmos na carta como verbo derivado de “colher”, em paralelo ao poema de Verlaine, surge outra vaga semelhança. Ambos terminam com a morte, mas o poeta francês o faz através da imagem da “folha morta”; Pessanha se vale de um termo ligado ao trato com a vegetação.

Aproveito para to repetir o dia de hoje, em que completo creio que quarenta e dois anos. Esta data celebrei-a escrevendo esta carta e mais duas e enchendo-me de coragem para ir, pela primeira vez depois do meu regresso de Lisboa, perguntar à porta do hospital de alienados pela saúde do meu desgraçado irmão (Pessanha, 2012, p. 250).

A carta se abre com um pedido de desculpas pela pouca assiduidade em visitar o primo. A falta na sociabilidade torna-se grave pela sugestão de, com isso, ter deixado de visitar também uma doente, visto o interesse específico no “estado de Amélia”. Pessanha adianta um contra-argumento à futura explicação que dará, perguntando de antemão “se explicação tem possível” para seu procedimento. Porém, logo surge a manobra argumentativa para inverter o vetor moral na relação: ora, assim agindo, poupava o parente atribulado de seus sofrimentos. Não obstante, um novo contra-argumento parece se levantar, afinal, o mesmo homem que evitava visitar o familiar não se constrangia em sair à noite, quando “falava, falava, com toda a gente” até o esgotamento.

Tal estratégia persuasiva, utilizada duas vezes em um mesmo parágrafo da carta pessoal, convida-nos a pensar um certo hibridismo no texto – a cujo gênero se permite – condicionado por posições sociais do autor da carta. Por um lado, trata-se do parente que deve justificar alguns descompassos para com normas de etiqueta informais (no sentido de não serem prescritas por lei). Visitar parentes é costume nesse meio social, e torna-se ainda mais importante quando nenhuma das partes está separada da outra por mares inteiros, como seria o caso se Pessanha estivesse em Macau⁷. Por outro lado, o magistrado

⁷ Pessanha esteve em Lisboa ocasionalmente em 1906 por questões médicas. Em novembro de 1907, passa por uma cirurgia no Porto. Seu embarque de volta

toma voz e se adere ao discurso, emprestando-lhe meios específicos de argumentar. Afinal, como lembra Bakhtin (2015), o discurso é sempre permeado pela localização social dos falantes, sem limites bem definidos.

Já o (des)pretensioso comentário final toma outra direção. Não só a realidade do enunciador é ruim em si mesma, uma “miséria”, mas também ele próprio carrega consigo uma patologia, a melancolia. Não é apenas um parente que protege o outro da empatia para com sua condição ruim, trata-se agora da vítima dessa multifacetada doença. O discurso agora empresta à psiquiatria, reportando-se abertamente aos “livros de patologia mental” e valendo-se de terminologia precisa – isto é, precisa dentro dos limites consideravelmente fluidos da melancolia. É esta quem o permite de, por um lado, sair à noite, tornar-se extrovertido e, por outro, assumir uma postura introvertida e reclusa durante o dia. Inconstante e contraditória como é, a melancolia ratifica as variações no trato social. Afinal, Pessanha acaba de se desculpar pela falta de visitas, que pareceria imperdoável considerando a sua alegada frequência na boêmia lisboeta. Mencionar a melancolia no mesmo parágrafo, embora sem um conectivo claro de causalidade, opera como um argumento na medida em que o comportamento do doente é um comportamento escusável por excelência. O recurso terminológico confere a voz de uma autoridade médica – o que Pessanha não é, e, por isso, a menção aos “livros de patologia mental” – a seu favor.

A agravar a condição, não apenas se fala de um doente, mas de um indivíduo acometido por uma patologia peculiar. Trata-se não de um impedimento físico – uma perna quebrada, uma insuficiência respi-

a Macau se dará em janeiro de 1909. Consultar a cronologia da vida e obra de Pessanha na edição de sua correspondência realizada por Daniel Pires (2012, p. 54-57), constante nas nossas referências.

ratória ou cardíaca etc. – nem de uma alienação mental como aquela com a qual Manuel fora diagnosticado (apesar de certa equivalência nos padecimentos psíquicos, como vimos, ser feita na carta a Alberto Osório). A doença em questão não poderia ser outra além da melancolia. Não está em jogo um descompasso entre a mente do indivíduo e a realidade, como ocorreria em alguma outra “loucura” qualquer, mas é necessariamente uma patologia causadora de misantropia. O discurso médico tradicionalmente associa tal comportamento à condição do melancólico desde a carta hipocrática. Demócrito, o sábio que Hipócrates fora visitar, dissertando sobre as causas de sua reclusão, “chega às raias de uma expressa declaração de misantropia: odiar os homens é obedecer à lei do cosmos, o qual é, ele mesmo, ‘repleto de misantropia’” (Starobinski, 2016, p. 130). Porém, Pessanha não se coloca na posição de filósofo, tampouco acusa o mundo pela sua situação. Pós-romântico que é em seu momento histórico, atribui as causas a si e às relações interpessoais. O dado da internação de Manuel está no comum entre ambos os locutor e interlocutor da carta. Sua sombra paira sobre o discurso (do) melancólico.

Vale observar também que esta melancolia de Pessanha é de “mau carácter”, comentário no mínimo redundante em se tratando de psicopatologias. Uma leitura rápida talvez sugerisse apenas que o mau carácter (= mau comportamento, má índole) fosse causado pela melancolia e, como observamos, paira exatamente esta associação. No entanto, isso não é tudo, porquanto a forma como o autor coloca o qualificativo permite a pergunta: existe uma melancolia de bom carácter? O que também jaz latente na caracterização do melancólico. Esta pode torná-lo apático, alheio, ou mesmo colérico, porém no artista pode ser benéfica e trabalhar a favor de seu potencial criativo. Isso está implícito já no *Problema XXXI* de Aristóteles (apud Starobinski, 2016, p. 131-132): o “fato” dos “homens de exceção” em áreas que incluem a poesia e as artes serem “manifestamente melancólicos”.

Em janeiro de 1909, o missivista (melancolista?) novamente se corresponderá com Carlos Amaro. Fala a bordo do navio rumo a Macau. Conta novamente de seus sofrimentos – um dos maiores *topos* de sua correspondência; sobre como são menores na realidade do que na forma como os imaginava de antemão (poder-se-ia pensar em um paralelo com o que hoje chamamos de ansiedade). Fala também sobre as longas viagens e seu efeito: “acostuma a gente a esperar: esperar, não no sentido de ter esperança, mas no de estar à espera, (...) distraído em futilidades a maior parte do tempo” (Pessanha, 2012, p. 173). Isso, a princípio, parece negar a inquietação do melancólico diante da espera, o tempo nulo, sem valor em direção a uma meta. Contudo, aos poucos, o quadro se altera e tal sentimento ganha novas dimensões.

O *post-scriptum* da carta dá um primeiro passo: “P. S. – Sabe o que eu agora desejaria? Não chegar ao meu destino nunca... Ir assim, indefinidamente assim, a bordo de um navio, sem destino” (Pessanha, 2012, p. 174). Ora, o emblema dessa situação do ser em constante movimento, sem nunca alcançar o destino, é a figura mitológica de Cartáfilo, ou o Judeu Errante. Esse, ao lado de “navegadores eternos” (Starobinski, 2016, p. 415), integra o imaginário ocidental na forma do melancólico, porquanto não enxerga meta à sua existência. Vendo o tempo e o espaço que ocupa como desprovidos de valor, perde valor em si mesmo. É certo que Pessanha não lamenta tão profundamente esse estado, e mesmo o deseja, mas não deixa de integrar à sua imagem a da total nulidade dos esforços. E, nas próximas correspondências, o quebra-cabeças se completará.

A carta seguinte de que se tem notícia a Amaro é de 6 de fevereiro do mesmo ano, escrita ainda em viagem. O autor descreve uma série de curiosidades assistidas a bordo, a maioria exóticas: as palmeiras,

animais luminosos cujo nome desconhece, as toninhas, os arco-íris⁸, as andorinhas do mar, entre outras anedotas ou cenas pitorescas. Predomina um tom de cronista, predominantemente descritivo, compondo um dos principais panoramas da viagem dos europeus por mar que há na correspondência de Pessanha. Todavia, ao despedir-se, a missiva ganha o caráter de lamúria que já vimos seguir o estilo epistolar de seu autor:

Adeus. Esta monótona vida de bordo entorpece, embrutece. (...) Ao abismo abominável de desgraça onde se debate meu irmão não pode chegar nenhuma destas tristes anotações de viagem, que ele estimava mais do que ninguém. Nem sequer saberá quanto lhe quero, e quanto a lembrança do seu horrível enervamento permanentemente me esmaga. Procure o Carlos Amaro, por todos os meios, informar-se do estado dele, como do de um irmão, que verdadeiramente o sou e peço-lhe que me transmita tudo o que souber. Talvez estranhe esse pedido... Mas provavelmente não estranha.

Abraça-o como a um irmão muito querido o seu amigo
Camilo Pessanha (Pessanha, 2012, p. 176).

Que a carta termine com um pedido, certamente lembra a um procedimento cujo paradigma, em uma possível história dos epistológrafos-viajantes portugueses, remontaria pelo menos à carta de Pero Vaz de Caminha ([1500]). Ao final desta, também se fez um pedido, endereçado, então, a El-Rei D. Manuel, para que revogasse o degredo de Jorge de Osório, genro do autor. Quanto a pedidos, Pessanha partilha-os entre os correspondentes no geral, especialmente magistrados, com graus variáveis de uso do cargo público exercido

⁸ O belo parágrafo sobre os arco-íris, que inclui uma reflexão de Pessanha sobre poética, foi analisado detalhadamente por Izabela Leal (2007), a quem remetemos o leitor interessado.

pelo interlocutor. O que não nos impede de considerá-las cartas familiares segundo Haroche-Bouzinac (2016, p. 40), porquanto: comportam o círculo dos parentes e/ou das amizades; não se valem de estilo ornamental; são marcadas pela conversação. O remetente não usa do tom da carta comercial para fazer seu pedido: supõe mesmo que talvez sua solicitação seja recebida com estranheza pelo interlocutor, embora acrescenta que “provavelmente não estranha”. Isso pode marcar tanto a relação particular entre ambos os interactantes quanto a própria dinâmica do gênero que se abre para tal possibilidade – a de inserir um pedido logo após o relato de viagem e a confissão acerca do parente internado.

É preciso destacarmos, no entanto, que a presença de Manuel no discurso implica novamente na mudança de entonação. O papel em que o irmão aparece é marcado também pela representação do ser que sofre, tanto o parente do missivista quanto o próprio missivista. Dessa vez, o dado que conduz a Manuel é o próprio mote das anotações de viagem; Pessanha afirma que ele teria gostado de ler. Daí também o lamento pelas condições de exílio a que o irmão foi forçado pelo diagnóstico psiquiátrico, certamente um documento a se pensar por uma ótica contemporânea sobre o papel das instituições hospitalares. Porém, o que nos cabe observar aqui é justamente o efeito que a evocação de Manuel gera no discurso: altera-o na direção da fala melancólica, da meditação sobre o sofrimento.

Isso nos permite entender por que, textualmente, o autor se coloca em um estado de espírito diverso. Entre as várias linhas dedicadas a descrições exóticas, surpreendentes e interessantes, e a constatação da vida “monótona” existe uma variação profunda. E por que ambos, o exotismo e a monotonia, tornaram-se assunto? Pessanha valoriza um efeito produzido em si pelas imagens. “Do mar alguns espetáculos me têm entretido, em que eu das outras vezes não reparava, ou, se reparava, já os esquecera” (Pessanha, 2012, p. 174). Falando

dos arco-íris: “Delicioso e efêmero efeito da luz, tão agradável para repouso dos olhos e da melancolia” (Pessanha, 2012, p. 175). O mar proporciona a novidade, a surpresa. Seus exotismos são capazes de salvar o melancólico da consciência fixa no mal que o aflige. Não entendemos aqui, como o entendeu Franchetti (2001, p. 85-87), a melancolia apenas como o estado em que o sujeito se encontra quando distraído, ou na consciência de sua transitoriedade: ao nosso ver, a melancolia está, antes, no próprio gesto de escrever a carta sobre os fenômenos surpreendentes, porquanto demanda refletir sobre eles. Tornam-se, nesse momento, algo de já conhecido ou, pior, um bem perdido, e é nesse gesto que passariam a configurar algo causador da melancolia. Antes de serem tomados como objeto de escrita (portanto, de ponderação, de conhecimento), tais fatos surpreendentes afastam a melancolia. Quando em contato com o novo, com o inesperado, a tristeza é deposta temporariamente, o véu lutuoso que matiza a existência é suspenso por momentos.

Daí podermos retornar ao *post-scriptum* da carta de janeiro de 1909 e lê-lo sob uma nova ótica. Por um lado, Pessanha sugere a si mesmo como um Cartáfilo português. Está situado entre dois pontos de referência em relação aos quais manifesta algum descontentamento: em Portugal, está perto de Manuel, que surge nas cartas como uma assombração, e da família, com a qual afirma ter laços complexos, como vimos. Em Macau, está numa colônia com a qual aponta uma forte hostilidade, para dizer o mínimo: chama-a de “inferno chinês” (Pessanha, 2012, p. 179), diz que “não é uma colônia, nem é uma cidade: é uma montureira, material e moral” (Pessanha, 2012, p. 129). Porém, o que jaz nas beiras desse discurso distribuído em cartas é que, com ambas as localidades, o autor partilha já um profundo conhecimento. Nelas, nada surpreende. Nelas, sim, a espera se torna esterilidade, inutilidade, ação nulificada: não há com o que se afastar da melancolia, nesses dados espaços, pois nada desvia a atenção

da dor. O mar, no entanto, ainda é capaz de proporcionar surpresas; desde anedotas da viagem à vista da fauna e flora estrangeiras. Nesse entrelugar, a espera torna-se o “estar distraído em futilidades a maior parte do tempo” que Pessanha associa às longas viagens marítimas. Daí que, no *post-scriptum* de janeiro de 1909, ele faça uma comparação da viagem:

É como quem joga na lotaria, e se preveniu com o seu bilhete muitos dias antes de andar a roda. Vem a saber que perdeu, quase sempre que perdeu, pouco menos de indiferente e quanto mesmo já mal se lembrava de que tinha jogado (Pessanha, 2012, p. 173).

O esquecimento é a essência da equação. Esquecer-se é a condição para a felicidade. Nietzsche (2017, p. 35), em sua consideração *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, é categórico: “só uma coisa faz a felicidade ser felicidade: a capacidade de esquecer”. Esquecendo-se da condição de vítima da bÍlis nociva, os efeitos da mesma bÍlis se dissipam. Se, por um lado, Pessanha via no exótico e na sedução sensorial pelo novo uma fonte de perigo para a inspiração poética, como observou Franchetti (2001, p. 32-33) tanto em cartas a Alberto Osório quanto num discurso do poeta sobre Camões em 1924; por outro, o contato com o surpreendente possui dimensões curativas à alma ferida. Essa oposição mesma serve à tradição do discurso sobre a melancolia: se o artista de gênio sofre dela, privado dessa condição, priva-se também do potencial criativo.

Isso releva um aspecto importante sobre a reflexão do fazer artístico de Pessanha e sobre sua construção de imagem autoral. Contrariam-se os mitos da languidez e da falta de vontade que permeiam sua vida (e obra, por efeito de parcela inicial de sua fortuna crítica focada em biografismo, marcadamente no já referido João de Castro Osório). Como se pode deduzir, a partir do que foi exposto, a elaboração social da persona do poeta português permeia textos diversos, em especial a correspondência íntima. Os limites dessa intimidade

também se tornam fluidos, afinal, falamos de cartas familiares com pessoas que estiveram ligadas à cena literária portuguesa de então. Segundo Haroche-Bouzinac (2016, p. 41), “a carta familiar beneficia-se da liberdade permitida pela proximidade dos vínculos”, o que lhe permite essa mistura complexa de confissão, relato de viagens, ensaio e, por vezes, solicitação aos colegas literatos. Mesmo que a crítica não lhes atribua grande papel hoje, trata-se de autores atuantes nos debates das Letras finisseculares. Personalidades públicas – potenciais publicitários, por extensão. X Tanto essa composição imagética do artista-doente (ou doente-artista) em Pessanha surtiria efeito que, ao publicar as suas *Exiladas* em 1895, Alberto Osório de Castro utilizaria um trecho de correspondência do amigo poeta como epígrafe: “Porque a gente é bem um grumo de sangue, que por toda a parte se vai desfazendo e vai ficando. / Duma carta de Camilo Pessanha, da China” (Castro, 2004, v. 1, p. 49).

Que não se tenha dúvidas da autoconsciência de Pessanha na escrita da correspondência e na construção, por esse meio, de sua face pública. A seguinte carta a Carlos Amaro de que se tem notícia é datada de 1912, em Macau. Longa e dominada por um pedido de intervenção administrativa, ainda assim dá margem aos discursos que já matizaram sua correspondência e mesmo a novos. Por exemplo, a reflexão sobre a própria epistolografia familiar:

Escrever, principalmente cartas às pessoas amadas, é refletir, e refletir é esgravatar em todas as feridas, para sempre doridas, do passado, tomar as alturas à situação presente, sondando os abismos da minha miséria, o perscrutar nas trevas do futuro, onde todas as esperanças de alegria morreram... E, pior do que tudo, é arriscar-me a ter o conhecimento de outras desgraças que adivinho e cujo pressentimento me traz a alma constantemente de luto (Pessanha, 2012, p. 179).

Uma estratégia persuasiva está em jogo nesse comentário de cariz romântico e aparentemente desinteressado. Ora, escrever aos afetos é muito penoso... Sob que circunstâncias terríveis se é obrigado a fazê-lo – eis a justificação. Se tal atividade é tão dolorosa, e mesmo assim foi praticada, deve ser no mínimo razoável que se atenda ao pedido e salve dos “abismos” da miséria ao condenado que lá se encontra. Mais uma vez, como o temos demonstrado à exaustão ao longo desse trabalho, eis que o melancólico toma voz: Pessanha fala em reflexão, em dores constantes, em não ter esperanças – o desespero, literalmente, a acídia.

O comentário se camufla ao usar um *topos* metalinguístico da carta pessoal, fazendo-a falar sobre o próprio gênero carta pessoal. Mais além: o texto dirigido (fisicamente) a um destinatário dialoga, no entanto, com o próprio remetente; monologa. Como lembra Brigitte Diaz (2016, p. 41), “a escrita da carta apresenta-se então aos narcisistas epistológrafos como o instrumento acessível de uma captura de si”. Narcisista-epistológrafo-melancólico, poderíamos adaptar, pois a tríade se percebe inseparável nessa correspondência.

Pensar-se-ia mesmo que a estratégia muda nas últimas cartas, todas já denotando um isolamento cronológico deflagrado na de 1912. São conhecidas apenas duas outras missivas, uma de julho de 1916, a outra de abril de 1917. Na primeira, nosso argumento em favor da surpresa como remédio ao melancólico parece negada quando Pessanha (2012, p. 193) afirma: “O ambiente [Macau] é-me benigno, porque me é familiar: acha-se impregnado de mim próprio, como eu dele”. O bem-estar do sujeito é associado à falta de surpresas, mas, logo na sequência, esse argumento se mostrará frágil, na medida em que o autor fala de ter alcançado tal estado de espírito após um extenso esforço de adaptação. Por sua vez, a carta de 1917 comentará as fotografias expostas no prédio do fotógrafo a caminho do trabalho, concluindo que parar para contemplá-las é “um dos mais prediletos

entretenimentos da minha melancolia, em horas de solitária deambulação” (Pessanha, 2012, p. 193). A solidão aparece por vezes também em outras cartas de Pessanha, respaldando a constatação de Minois (2019, p. 328) de que os finais do século XIX são uma fábrica de solitários. Mais adiante, repetindo e concluindo o par que vimos no discurso a todos os destinatários aqui contemplados (Alberto Osório, José Benedito e Carlos Amaro), o irmão comparece à mesma carta em que a melancolia é pronunciada: “Recebi de meu irmão Francisco uma carta em que me dava parte de se achar o Manuel *consertado de todo*” (Pessanha, 2012, p. 194). Na epistolografia de Pessanha, aonde vai a melancolia, vai Manuel; aonde vai Manuel, vai a melancolia.

A comunicação epistolar marcou de maneira decisiva o século XIX europeu e o início do XX. Com processos históricos a todo vapor, em especial o imperialismo e a dinâmica migratória que impulsionou, cada vez mais as capacidades de leitura e escrita se tornam importantes. Cada vez mais a correspondência ocupa papel inegável na vida das classes médias e altas, até ceder seu poderio hegemônico à telefonia nos dias atuais. Para Pessanha, funcionário português emigrado para a colônia de Macau, a carta se tornou um veículo múltiplo, capaz de conservar os laços familiares, de articular manutenções administrativas no trabalho, de relatar viagens e mesmo de análise (construção) da autoimagem.

Muitos enigmas permanecem nos escritos de Pessanha. Porém, seu cuidado com o escrever é inegável. Na epistolografia, isso se revela nas cartas que compuseram o *corpus* deste artigo. Nestas, observamos as estratégias discursivas responsáveis por efeitos diversos. O poeta valeu-se das liberdades de gênero textual e de elo social promovidas pela missiva para criar uma imagem de si. Imagem essa que viria a enformar as primeiras levadas críticas a seu respeito.

Foi assim que Pessanha se dirigiu aos colegas literatos, Alberto Osório de Castro e Carlos Amaro. “Confidenciou-lhes” as misérias

de sua vida e os sintomas de sua condição debilitada, muito consciente do gesto que fazia. Frequentemente amparado na referência ao irmão Manuel, que fora internado longos anos por conta do diagnóstico psiquiátrico, o poeta moldou-se como um melancólico. Seu discurso é matizado pelos valores milenares da melancolia, evocando ora o vocabulário técnico de seu tempo, ora características associadas à dita doença desde o diagnóstico de Hipócrates a Demócrito na antiguidade grega. Assim o fazendo, Pessanha pôde direcionar as primeiras leituras que a posteridade fez de sua vida e, mesmo, de sua obra.

RECEBIDO: 30/03/2023 APROVADO: 15/04/2023

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El-Rei D. Manuel*. [1500]. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=117060>. Acesso em: 17 mar. 2023.

CASTRO, Alberto Osório; OSÓRIO, António (Org.). *Obra poética*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004. 2 v.

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores do século XIX*. Tradução de Brigitte Hervot e Sandra Vieira. São Paulo: Edusp, 2016.

FRANCHETTI, Paulo. *Nostalgia, exílio e melancolia: leituras de Camilo Pessanha*. São Paulo: Edusp, 2001.

FUSCO, Felipe Frasson. Preâmbulos de um intertexto entre a correspondência de Camilo Pessanha e os Casos Raros da Confissão. In: SEMINÁRIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS (SEPECH), 13., 2021, Londrina. *Anais* [...]. Londrina: UEL, 2022. p. 181-190. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1fy1ozKvsR7396h8ma4SvHde9JyzhuuVu/view>. Acesso em: 27 mar. 2023.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Tradução de Ligia Fonseca Pereira. São Paulo: Edusp, 2016.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 29ª. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

LEAL, Izabela. “Estranha sombra em movimentos vãos”: imagens da escrita poética em Camilo Pessanha. In: SANTOS, Gilda; LEAL, Izabela. *Camilo Pessanha em dois tempos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007, p. 97-183.

MARQUES, A. H. R. de O. *Brevíssima história de Portugal*. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil, 2016.

MINOIS, Georges. *História da solidão e dos solitários*. Tradução de Maria das Graças de Souza. São Paulo: Unesp, 2019.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Editora 34, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida: segunda consideração extemporânea*. Tradução de André Itaparica. São Paulo: Hedra, 2017.

OSÓRIO, João de Castro. Introdução crítico-bibliográfica. In: PESSANHA, Camilo. *Clepsydra e outros poemas*. Lisboa: Ática, 1969, p. 13-155.

PESSANHA, Camilo. *Clepsydra: poemas de Camilo Pessanha*. Campinas: UNICAMP, 1994.

PESSANHA, Camilo. Correspondência. In: PESSANHA, Camilo; PIRES, Daniel (Org.). *Correspondência, dedicatórias e outros textos*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2012, p. 105-278.

PESSOA, Fernando. *Carta a Camilo Pessanha - 1915?*. [1915]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1146>. Acesso em: 17 mar. 2023.

PESSOA, Fernando. *Obra poética de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. 2 v.

PIRES, Daniel. Cronologia da vida e da obra de Camilo Pessanha. In: PESSANHA, Camilo; PIRES, Daniel (Org.). *Correspondência, dedicatórias e outros textos*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal; Campinas: Unicamp, 2012, p. 35-104.

QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*. 2ª. ed. São Paulo: Ateliê, 2007.

RUBIM, Gustavo. *Experiência da alucinação: Camilo Pessanha e a questão da poesia*. Lisboa: Caminho, 1993.

STAROBINSKI, Jean. *A tinta da melancolia: Uma história cultural da tristeza*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

VERLAINE, Paul. *Oeuvres Poétiques*. s. d. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=7322. Acesso em: 29 mar. 2023.

MINICURRÍCULO

FELIPE FRASSON FUSCO é bolsista CAPES/BRASIL, cursando Doutorado na Universidade Estadual de Londrina, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Telma Maciel da Silva. Estuda, na tese em curso, a obra de Camilo Pessanha. Entre outubro de 2021 e abril de 2023, foi bolsista de Mestrado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovações – MCTI.

TELMA MACIEL DA SILVA é professora de Literatura Portuguesa da Universidade Estadual de Londrina. Seus interesses de pesquisa estão voltados para os arquivos e correspondência de escritores. É autora do livro: *Posta-restante: um estudo sobre a correspondência do escritor João Antônio*.